
O sentido dos grupos de penitência no sertão do Ceará. A discussão desde os relatos de Freire Alemão e os penitentes da atualidade

MARCOS MARTINEZ MUNHOZ¹

Resumo: A discussão deste artigo terá início por meios da leitura dos diários de viagem de Freire Alemão, no qual descreve a penitência do Cearense em Lavras da Mangabeira-CE, ocorrido no ano de 1859. Este artigo abordará as primeiras formações dos penitentes na região e as mudanças que ocorrem pela ação do tempo. É um movimento popular, ou seja, feito por homens a partir de interpretações religiosas, que sofre a perda dos seus líderes e corre o risco de “extinção”. Atualmente tem ocorrido mudanças, por exemplo em Barbalha, na mesma região do sul-cearense. A cidade e a população regional incentivam os penitentes a conservar a tradição e não se perder no tempo. O costume é feito ainda na mesma data da quaresma ou semana santa, mas agora também juntamente com outra festividade popular em Barbalha – A festa do Pau da Bandeira. A discussão resume na história dos grupos de penitentes. Utiliza-se a teoria da Folkcomunicação para se demonstrar o uso dos meios de comunicação como mídia na preservação e mudanças percebidas nos costumes. Através da revisão bibliográfica se percebe a necessidade da pesquisa dos relatos do século XIX para se compreender as expressões atuais. Este texto irá comparar o penitente dos relatos do Freire Alemão e a preservação do sentido através das tradições folclóricas. Assim, o objetivo é assimilar a tradição religiosa popular e a festividade no ambiente social como preservação de memória.

Palavras chave: Folkcomunicação; religiosidade; comunicação; sentido; memória

A PENITÊNCIA E O FUNDAMENTO DA AÇÃO

ESTE ARTIGO irá ampliar a discussão no ato da penitência ao corpo e seus fundamentos básicos do imaginário religioso no Ceará. Será introduzido o pensamento através de revisões bibliográficas de autores que discutem e apresentam o assunto. Após demonstrar o início do costume, formas de comunicação na formação original dos penitentes do sertão do Cariri. O texto irá abordar as mudanças que ocorreram com a exposição do grupo pelos meios jornalísticos e sociais, e as mudanças que ocorrem com os penitentes e o modo que produzem o sentido após a exposição pública, e o antes de serem apresentados aos meios de comunicações.

Francisco Freire Alemão, médico e naturalista, participou de uma expedição científica, com outros pesquisadores, na intenção de conhecer a geografia em detalhes e os recursos naturais espalhados pelo Brasil, por populações em territórios desconhecidos. Foi através da sua participação no (IHGB) Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, que

1. PUC/SP (Brasil).

em 1859, foi indicado como o precursor da *Comissão Científica de Exploração*². A partir da escrita em um diário que ele redigiu, que a memória daquele período se transmite. É a partir da sua visita na cidade de Lavras da Mangabeira- sul do Ceará, que, acompanha com sua curiosidade a uma manifestação religiosa próximo aonde dormia. Esta manifestação ocorre após a meia noite. Era uma oração. Freire Alemão relata em seu diário:

[...] ouviu-se depois da meia – noite (era sábado) oração cantada na Igreja. Era o canto forte, entoado, monótono, grave e que me infundia sentimento religioso, mas atentando-se bem ouvia-se também tinido de disciplina, então acresceu ao sentimento religioso certo horror[...]. Enfim nos recolhemos fazendo cada um reflexões diversas segundo seu modo de ver a respeito desses homens. Mal nós tínhamos deitado quando ouvimos na calçada da nossa casa um dos penitentes pedindo esmola e pedindo padre- nossos, cantando num tom lamentável e sepulcral que nos fazia ainda mais horror. Levantaram e saíram a vê-lo e darem-lhe alguma esmola o Lagos, Reis e Manoel. O quadro medonho no escuro da noite. Viram um homem pardo, de constituição atlética, nu, tendo só a ceroula e está arregaçada até o alto das coxas, com uma grande pedra na cabeça e na mão um tijolo com que batia nos peitos, com tanta força, que a mim, que estava na minha rede, parecia que batia no chão e ao mesmo tempo continuava com lamentações medonhas, às vezes acompanhadas de grande pranto. Deram-lhe a esmola e fizeram algumas questões a que respondia; mas se perguntavam quem era, dizia: “Sou um pobre penitente” (ALEMÃO, 2006, p.217-218)

Segundo esse relato, a tradição da penitência ao corpo ocorre tanto dentro da Igreja, como prossegue pela rua. O impacto que causa nos cientistas, transcorre o imaginário. Um acontecimento incrível, pois, este relato se fundamenta no sertão do Cariri, uma gênese do movimento penitente, documentado na região de Lavras de Mangabeiras – no Sul do Ceará. É um ponto bem importante. É uma descrição do fato.

Existem outros relatos, como a da pesquisadora Anna Christina Farias de Carvalho, que segundo suas pesquisas – os “primeiros relatos da presença no Cariri cearense de ordens religiosas leigas baseadas na penitência, datam de 1850. A sociedade de penitentes do Crato – primeira Ordem de Penitentes, sob liderança do Padre Felix Moura” (CARVALHO, 2011, p. 7).

Por definição estes movimentos penitentes – são classificados como catolicismos popular ou religião popular. Formada a partir da sua cultura típica do local no confronto com o Cristianismo - como dominação do imaginário religioso na cultura dominante da região. Certeau definiu o popular e sua ação como dominação do pensamento e da ação. A representação do imaginário religioso, dentro do ambiente em que os penitentes demonstravam seus valores religiosos-morais, teria de não somente validar suas práticas e seu ritual. O ambiente social teria de auxiliar o homem e o seu domínio. Certeau descreve a cultura como formação do imaginário e o homem como formador do ambiente de dominação.

2. “Quando em 1856 se criou, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e com beneplácito do imperador Pedro II, uma expedição científica composta exclusivamente por naturalistas e pesquisadores brasileiros, tencionava-se não somente assinalar uma preocupação crescentemente transformada em necessidade estratégica – a de conhecer em detalhe a geografia, os recursos naturais e as populações espargidas nas fímbrias do território brasileiro” (ALEMÃO, 2006, p.9).

Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” pois a cultura” não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um *marca* aquilo que outros lhe dão para viver e pensar. (CERTEAU, 2005, p. 9-10)

Fica reservado aos homens a penitência; e as mulheres pelas orações intermitentes. Essa forma de fazer a religiosidade, são marcas dos movimentos sociais, que contem, a sua simbologia através dos rituais empregados, nas práticas no seu meio por seus comportamentos e a adoção das crenças.

Desta forma, o que mais importa a este objeto, desde a sua formação como grupo de penitentes, seria descrever que eles fazem parte de uma mediação com a instituição oficial, porém, somente pelo seu meio, não fazem parte de um movimento religioso com o reconhecimento da Instituição Igreja Católica Apostólica Romana. Ou seja, são formados a partir da porta da Igreja em direção ao mundo, e não do lado da porta indo em direção ao altar.

O sentido da penitência pertence à ideologia do Catolicismo, mas, o ato penitencial fora do seu espaço institucionalizado, não representa o valor oficial.

O imaginário como imagem que fundamenta o movimento penitente – segue desde o martírio de Cristo ou a Via- Crucis, sob o catolicismo primitivo, atravessa a Europa e chega ao Brasil. Esta trajetória daria outro texto, que não será discutida neste momento. Será apenas discutido o acontecimento e desenvolvimento da pesquisa nos penitentes de Barbalha - CE, sertão do Cariri, do passado e do presente, informando a memória do costume e as transformações causadas pelo tempo.

O penitente busca sua identidade dentre os princípios cristãos. Forma um movimento popular que se baseia na instituição oficial. O que apreende com o seu olhar ao entrar na Igreja, são imagens da Via- Crucis. A sua percepção, traz o imaginário do ídolo e do memorável. Reproduz através da imitação dos atos, para suportar a mesma dor, que “Jesus” - “*morreu por nós*”³.

Gombrich ilustra em seu livro sobre o poder da imagem no emocional humano. Ele cita o poder sedutor da arte, que no caso aqui, são as imagens da via- Crucis penduradas nas paredes da Igreja, que seduzem o olhar do imaginário. Faz parte da arte Cristã facilitar o entendimento da pintura ou arte, através das sensações. Para o homem agrário, agrafo e disposto a entender o momento “real”, reproduzir sua imagem, *como um ato a ser cumprido para ser salvo*. “Não foi somente a Igreja Romana que descobriu o poder da arte para impressionar e dominar pela emoção” (GOMBRICH, 1999, p. 447).

Gombrich, neste trecho cita não somente a Igreja Romana, mas seguramente, a Igreja utiliza deste meio de sedução para ensinar a prática do pensamento. As imagens respondem por si só e o imaginário reproduz a ação conforme as ferramentas moldam seu olhar para aprender somente o que lhe ensina. Somente.

Esta mesma forma de lembrar algo ou coisa, conforme Sartre “uma coisa, porém, é aprender imediatamente uma imagem como imagem, outra é formar pensamentos

3. Citação de uma ilustração bíblica com explicação da passagem pelos penitentes: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (GALÁTAS, 2:20).

sobre a natureza de imagens em geral”. Desta forma, eu complemento sobre a porta da Igreja em direção ao altar e os penitentes na mesma porta em direção ao mundo. E Sartre, “A teoria pura e a *priori* fez da imagem uma coisa. Mas a intuição interna nos ensina que a imagem não é a coisa” (SARTRE, 2012, p. 9-10).

A igreja católica é referência para os penitentes, mantendo tradições e pensamentos primitivos em um ambiente moderno. Conserva valores do passado como valores para serem seguidos no presente, sempre cabendo sua verdade como atual. O catolicismo oficial é um mediador entre a instituição e o pensamento exclusivo da Igreja Católica. Qualquer outra forma de manifestação que não seja a oficial; não é reconhecida por ela, portanto não há o reconhecimento de qualquer ato fora da instituição oficial. Desta forma, os penitentes serão considerados como praticantes do catolicismo popular, ou seja: não serão reconhecidos pela Igreja, como pratica oficial.

OS PENITENTES DE BARBALHA- CE

Os penitentes de Barbalha⁴ são compostos por dois grupos. O grupo do “Sitio das Cabeceiras” e do Grupo “Lagoa”. Os dois grupos são formados a partir do decurião e 12 homens, como os discípulos de Jesus, são orientados por um cruzeiro, que, sendo objeto sagrado, pertencente, segundo alguns relatos, ao Padre que trouxe o costume a região do Cariri: O Padre Ibiapina.

Este cruzeiro tem formato de cruz – com dizeres- “JEZUS CRISTO” e, “PARA CEMPRE”. É o principal objeto simbólico da penitência.

Padre Ibiapina, foi responsável por missões no sertão, constrói casas de caridades, faz pregar a prosperidade na região por onde passou. Participou em um período histórico de grandes secas e uma cólera epidêmica que matava silenciosamente os homens do Crato. Muito foram os benefícios que trouxe com seu trabalho e oração. Foi muito importante para o povo oprimido do sertão. Era festejado com sua visita nas cidades. Foi assim que conquistou a confiança destes homens constroem seu imaginário religioso sobre a prática da penitência.

Foi padre Ibiapina quem fundou. Foi Ibiapina quem fundou. Teve um tempo muito ruim, pesada no Crato-CE, aí onde padre Ibiapina andou, e aí deixou essas leis de penitentes – o cólera – pra fazer a penitência pra combater essas doenças. Teve a doença lá no Crato, aliás em todo o canto. Não dava nem tempo do Peão, abri a cova pra enterrar um, já vinha um outro monte, e quem cavava também caía na cova. (MARTINEZ, 2013, p. 69)

Os penitentes constituem os rituais do grupo, organização e suas ordens a partir do imaginário religioso transmitido pelo padre Ibiapina. São grupos fechados e suas ideias são passadas de geração a geração pela oralidade. Suas leis se mantem na ordem do primeiro decurião de cada grupo. É o primeiro decurião que carrega a cruz (cruzeiro), e mais doze homens que cantam benditos. Fazem o canto dos benditos e se penitenciam, levam a tradição da obra do Padre e a cumprem em longas caminhadas nas comemorações da quaresma ou semana santa.

4. Barbalha, uma região composta pelas cidades de Juazeiro do Norte, Barbalha e Crato. Sendo a última - a primeira cidade da região. Todas elas ficam situadas no sertão do Cariri, no sertão do Ceará.

Na cantoria do Bendito, fazem a penitência ao corpo, através dos objetos de penitência pelo cacho da disciplina⁵. A campa⁶, que o primeiro decurião carrega, faz com que os penitentes caminhem sem desviarem a atenção, prestando somente ao badalar da campainha. É um som que regula o pensamento e o canto. Orienta o grupo.

O penitente recebe o ofício pelo pai, ou de algum penitente, para poder participar. Tinha de ser desta forma. Em uma entrevista a um penitente – Olimpio Ludogero, que explica a tradição do cruzeiro e da passagem das ordens penitentes através da oralidade para um novo membro.

Meu avô era penitente, e o meu pai também foi. Quando eu quis ser, meu pai não queria; mas meu avô me ensinava escondido e meu pai depois de me ver fazendo direito, me deixou continuar, e me entregou o cruzeiro perto da sua morte, que da mesma forma que o meu avô o fez com ele. Este mesmo cruzeiro é a cruz que representa a de Jesus e nos guia abrindo nosso caminho na mata e fazendo conforme nosso senhor quer. A gente caminhava à noite, sem qualquer luz artificial, a cidade era pequena, caminhávamos dentro de sítios, ruas de terra e cruzávamos riachos cantando nossa oração. (MARTINEZ, 2013, p.50)⁷

Os penitentes de Barbalha organizam seus grupos e repassavam suas ordens, pela oralidade. Não são desorganizados, pelo contrário; a organização e a conduta dentro de um grupo de penitente é levado muito a sério. É uma tradição dos penitentes. Da mesma forma, que o grupo mantinha o segredo dos seus membros, era necessário o interesse de membros para participar dos grupos. Não podia ser qualquer pessoa que chegasse neles para poder participar – tinha de ser recebido pelos membros e aceito. Mas, geralmente é mais comum, a descendência do filho em dar continuidade no pensamento e na ordem dos penitentes. Mas, não somente os dois penitentes citados neste artigo, informam que o grupo está se acabando. Olimpio, um dos penitentes em entrevista, informa sobre o destino dos penitentes. Informa sobre o que foi o grupo e o que será deles:

[...] Agora, o grupo está se acabando, os filhos aprendem com o pai, como meu pai fez comigo... E esses jovens, não prestam atenção em nada. Aqui mesmo na cidade, a última secretaria de Cultura, veio nos pedir, a “Cirlene Querois”, para que a gente ensinasse os jovens. –Ela queria que a gente ensinasse os jovens. – Ela queria que a gente fizesse outro grupo mirim. Bota uns meninos porque os velhos vão se acabando. (MARTINEZ, 2013, p.58)

Olimpio (penitente), questionado pela secretária de cultura da cidade de Barbalha em uma ocasião, sobre a possível ajuda de órgãos de divulgação ou mesmo de auxílio para se produzir novos penitentes, através do ensino escolar na formação de novos membros - ele responde sério e em bom tom:

Que penitência é coisa séria, não é brincadeira de escola não. A escola ensina a escrever, aqui não é escola. A penitência é coisa séria, é coisa que vem de cima. Não é daqui pra baixo não. Daqui pra cima. É de cima pra baixo. Ela, Cirlene, ficou até desgostosa comigo, disse

5. Instrumento utilizado na penitência. Uma espécie de chicote que contem lâminas presas por arame ou couro. Forma ovalada de dimensão e afiada nas extremidades.

6. Campa, sino que o primeiro decurião carrega. Ela serve para orientar os penitentes no grupo a se guiarem nela.

7. Entrevista feita pelo pesquisador na cidade de Barbalha no ano de 2013. Foi entrevistado o primeiro decurião do grupo do Sítio Lagoa. Trecho concedido pelo penitente Olimpio Ludogero da Paixão

a ela que busque outra pessoa, pra montar este grupo, mas comigo não. Eu levo a coisa a sério, diz Olimpio. (MARTINEZ, 2013, p.59)

Os penitentes estão envelhecendo, morrendo seus líderes. Mas, a insistência no costume conservado na tradição: materializa o pensamento do penitente em não modernizar os membros ou os costumes. Deriva de um catolicismo patriarcal, no qual, é um catolicismo que se impõe contra ao progresso da fé; retorna a tradição fundamental. É tradicional, mantém suas características originais.

O SEGREDO EM SER PENITENTE

O penitente se flagela em silêncio, e em caminhada coloca uma túnica que esconde seu rosto preservando sua identidade. Um líder penitente de grande influência e conservação da ordem foi Joaquim Mulato. Joaquim Mulato⁸ determinava as regras e as punições daqueles que erravam. Foi um dos mais importantes e memoráveis homens da penitência na região do Crato. Segundo os penitentes, ele manteve a ordem viva. Joaquim determinava que a ordem era mantida através do segredo. Tinha de casar na igreja, não beber, jogar e etc. Ele passava as ordens para os penitentes com muita severidade. Acabou falecendo vítima de um atropelamento frente à sua casa. Em uma entrevista concedida por Francisco Severo⁹, atual primeiro decurião do grupo dos penitentes do sítio cabeceiras, Barbalha- CE; explica a tradição, o grupo e o segredo do penitente. Mostra o costume da tradição, o penitente e a exposição pelos meios jornalísticos.

Joaquim Mulato trouxe pra nós aqui, pra ver se combatia mesmo aqui a doença, que vinha do Crato. Fez casa de caridade, o cemitério ali, das Cabeceiras. Joaquim Mulato que era o chefe. Os penitentes ninguém conhecia não. Os primeiros penitentes ninguém conhecia não. Os primeiros penitentes só andava na meia noite, dentro de casa, sozinho. O povo não conhecia os penitentes. Eu comecei a anda nos penitentes com 8 anos de idade. Depois que o prefeito pediu que nos andasse de dia na cidade, o povo ficou ficaram nos conhecendo, aí vieram os repórter, ainda os penitentes descuidavam, aí começaram a descobrir as casas dos penitentes. Nas cidades, só ficamo andando depois que o prefeito no pediu pra gente ir né. Quem ninguém conhecia o que é. Aí depois o repórter foi levando pra tudo quanto é canto. (MARTINEZ, 2013, p.50)¹⁰

Nesta entrevista, o primeiro decurião do grupo: Francisco Severo consegue resumir o percurso do penitente, desde Joaquim Mulato, inserindo a tradição para eles. Esta citação demonstra as regras da prática; a prática pública dos penitentes e os meios de comunicação como extensão do movimento penitente. Atualmente são vistos e conhecidos em outros locais. A partir de uma solicitação do prefeito da cidade de Barbalha-CE, os penitentes não mais se flagelavam sozinhos, não caminhavam ou se escondiam na tradição. Eles representavam um movimento popular religioso que faria parte do

8. Joaquim Mulato. Primeiro Decurião do grupo de penitentes de Barbalha- CE, do sítio das Cabeceiras, e segundo ele, foi Ibiapina que trouxe o costume da penitência para a região.

9. Primeiro decurião do grupo de penitentes de Barbalha-CE: Foi entrevistado na cidade de Barbalha. 2013.

10. Trecho retirado da entrevista na cidade de Barbalha- CE. Por ser uma transcrição, é mantido a forma original da fonte citada. (MARTINEZ, 2013, p. 50).

folclore e fariam a memória viva em comemorações públicas pelo município, e seriam conhecidos através meios de comunicação. Os penitentes recebem um salário por mês, para serem incentivados e se manterem em grupo. Em outra ocasião, os penitentes, foram convidados a desfilar no grupo de carnaval carioca “mangueira¹¹”, no Rio de Janeiro. Mas, não acabaram desfilando. Na penitência caminham e nelas os penitentes caminham pela cidade indo às casas das pessoas, pedindo esmolas, que também seria para eles: uma penitência. Os moradores da cidade, atualmente, se organizam para receber os penitentes. São bem recebidos e vistos como patrimônio da cidade.

A NECESSIDADE DA FOLKCOMUNICAÇÃO PARA INCENTIVO E MEMÓRIA DA PRÁTICA DOS PENITENTES DE BARBALHA- CE

Os penitentes citados são residentes da cidade de Barbalha. Estavam na região, quando era ainda só mato¹². Essa região de vales e de riachos, compunham o cenário para o penitente. As cidades ainda não existiam, vencer o ambiente para o coletivo com sua comunicação. Uma região isolada da civilização, misturada aos costumes dos pequenos grupos, resultam na ação popular. Os penitentes de Barbalha são na sua maioria analfabetos. Atualmente necessitam comunicar e criar um elo entre a sua comunicação e as cidades que se formaram ao redor destes grupos. Comunicar o penitente, não é somente reportar sua história. Desta forma, segundo Beltrão, o penitente e o seu grupo, elabora suas mensagens para a difusão do pensamento. Mas esta difusão tem de ter o entendimento da sua linguagem, portanto:

Em outras palavras, a Folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, que ainda dispersa. (BELTRÃO, 2004, p. 74) A comunicação popular se manifesta, dentre a sua audiência comunicando o saber regional. Manter a tradição e conservar os costumes, transmitem ao social, a sua forma de manifestação distante do pensamento dominante. É uma sabedoria própria e de uma aparência estética diferenciada das impostas pelos meios de comunicação, ou pelas instituições formadoras do pensamento e da ação. Os penitentes formam então um grupo popular, com suas linguagens próprias e suas interpretações. Por esse motivo, e pelo motivo de sempre voltar às origens – seus líderes formadores de opinião e da ordem estão morrendo; os que ficam não estão se comunicando entre e coletivo e a memória dos grupos. Aliás, estão se acabando. Os gestos, as linguagens e a comunicação popular têm os meios próprios de se manifestar.

CONCLUSÃO

Se conclui com este estudo, que o penitente, forma o pensamento e sua ordem em referência uma instituição oficial. Formaram grupos, constituíram o pensamento coletivo na sua representação e ação no meio. Apesar de não reconhecidos como “oficiais”,

11. Escola de Samba do Rio de Janeiro- RJ. Seriam investidos R\$500 mil para a promoção e incentivo à cultura daquela região e dos penitentes de Barbalha.

12. Mato é uma indicação de cidade não povoada. As cidades não existiam, é o percurso pelo penitente; termo utilizado por eles, no ato de atravessar o mato – rezando os benditos.

pela instituição, convertem no seu grupo de integrantes o valor da penitência como “fé”. A fé, no seu estado imaginário e imaginado, produz sentido e eleva os gestos, produzindo linguagens. O penitente, visto pelo Freire Alemão, representa uma linguagem quase que selvagem pelo humano. Entretanto, a discussão aprofunda nos penitentes de Barbalha- CE, que no seu princípio os seus grupos de penitentes, se escondem atrás da túnica cobrindo seu rosto, mantendo sua identidade, não demonstrando sua prática e a ordem do ritual do indivíduo. A formação de um penitente é passado de forma oral de pai para filho, mas, tem de ter o interesse na prática. As cidades crescem em volta das casas dos penitentes, as cidades mudam e trazem as novidades, que o penitente não busca, ou traz. Conserva seus ideais desde a memória formadora do penitente - repassada pelos antepassados. Com a curiosidade das pessoas e o progresso das cidades, começam a se reconhecer os penitentes. Começa a saber quem são estes homens - e atrai outras pessoas com desejo de saber quem são os “penitentes”. Desta forma, o penitente, levanta sua túnica e revela seu rosto em público. O sentido do segredo se desfaz, a data da procissão já é aguardada. A esmola, já é separada, e o penitente agora não é mais uma comunicação popular, se torna um patrimônio público. Os órgãos percebem neles um meio cultural e uma forma de atrair benefícios para o povoado da cidade. São demonstrados em público, são recebidos por repórteres, televisão, estudantes e até mesmo convidados para um desfile em escola de samba. O pensamento penitente se confunde com a realidade da sua comunicação e o mundo que o vê. Tentam trazer o costume como parte folclórica de um povo, mas somente a partir de uma pesquisa da sua comunicação como penitente, poderá entender sua essência. O que fazem é trazer um espetáculo em uma data já pré-determinada. O uso da Folkcomunicação neste trabalho, é de resgatar então a comunicação na sua essência, demonstrando o seu pensamento penitente e sua ação de penitência como ação de comunicação. A linguagem popular do coletivo, reconhecido nos gestos e rituais pelo grupo, tendo a interpretação e julgamento das diferenças de comunicação pelos meios de comunicação dominante, que se utilizam dos penitentes, para transformar uma linguagem própria em uma comparação com uma linguagem que os meios dominantes tentam criar em nós humanos em *comum*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão*: Fortaleza- Crato: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. RIO DE JANEIRO, 1971.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. *Sob o signo da fé e da mística*. Fortaleza: Imeph, 2011
- FLUSSER, Vilém. *A Dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.
- GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Ltc, 2012.
- LUIZ BELTRÃO, de Andrade. *Folkcomunicação*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- MARTINEZ, Marcos Munhoz. *A comunicação do Ritual de Autossacrifício do Corpo: Os penitentes de Barbalha- CE*. Dissertação de Mestrado – USCS, São Caetano do Sul- SP, 2013.
- SARTRE, Jean- Paul. *A imaginação*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.
- SUESS, Guenter Paulo. *O catolicismo Popular no Brasil*. Edições Loyola: São Paulo, 1979.